

SANCHEZ, Renata. **Ciclos de resiliência**: sobreviver nessa situação precária e nesses tempos. Campinas: UNICAMP. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena – Instituto de Artes; Orientadora Gina Maria Monge Aguilar. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

RESUMO: "Ciclos de Resiliência: sobreviver nessa situação precária e nesses tempos" desenvolve um breve exercício de relato e reflexão ao estabelecer relações associativas entre as experiências no Grupo de Trabalho: Artes Performativas, Modos de Percepção e Práticas de Si, da Reunião Científica da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas (ABRACE), e os conceitos Violência e Resiliência. A ideia e síntese presentes neste artigo contam com aproximações teóricas a partir de tais terminologias, elaboradas respectivamente pela filósofa Hannah Arendt e pelo ecólogo Crawford S. Holling.

PALAVRAS-CHAVE: Resistência. Violência. Resiliência.

RESUMÉ: "Cycles de Résilience: survivre dans cette situation et cette période précaires" élabore un bref exercice de rapport et de réflexion en établissant des relations associatives entre les expériences du Groupe de Travail: Arts Performatifs, Modes de Perception et Pratiques de Soi, de la Réunion Scientifique de la Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas (ABRACE), et les concepts Violence et Résilience. L'idée et la synthèse présentées dans cet article reposent sur des approches théoriques élaborées respectivement par la philosophe Hannah Arendt et l'écologiste Crawford S. Holling.

MOTS-CLÉS: Résistance. Violence. Résilience.

1. Sobre o Grupo de Trabalho

Este texto é um relato reflexivo. Destaco que, como todas as materialidades inventadas, ele possui uma perspectiva que conta com o referencial do meu corpo, das suas leituras, a partir de afecções sentidas ao longo do Grupo de Trabalho (GT) – Artes Performativas, modos de percepção e práticas de si.

Até então nunca havia participado de uma Reunião Científica da ABRACE e por isso muitas sensações pertencentes à “primeira vez” me tomaram e mobilizaram esta escrita. Integrei-me ao referido GT onde estavam presentes pessoas de diversas universidades e partes do país. O mediador Daniel Plá propôs que rapidamente nos apresentássemos e falássemos de

nossas pesquisas, em concomitância recebíamos cartões e canetas para escrever o que desejávamos ao integrarmo-nos àquele grupo de trabalho. Havia, evidentemente, uma proposta desencadeadora das ações, que se tratava de pensarmos sobre modos de resistir às atuais imposições do governo sobre a pesquisa nas universidades e aos ataques contra a cultura.

Antes de tudo isso, fizemos alguns minutos de meditação. A escolha por tal prática permitiu que nossos ritmos corpóreos se sincronizassem, instaurando um pulso comum e a partir desse momento o encontro ganhou dimensões específicas em que – a meu ver – as ações superavam as palavras. Alguém tirou os sapatos, e todo o grupo fez o mesmo, também houve um convite silencioso para que nos sentássemos no chão, em um espaço pensado arquitetonicamente para ser o palco do anfiteatro. Afastada a mesa, corpos aproximados, olhamo-nos. Havia um microfone que não estava instalado para amplificar o som de nossas vozes, mas para possibilitar que outras pessoas, ligadas a nós pelas filmagens ao vivo nos escutassem também. Existia uma sutileza em tudo que fazíamos, e muitas regras de uso do local.

Ao final da atividade da roda, onde nos apresentamos, resultaram vários cartões com escritos, eram palavras-desejos que tínhamos em mãos. Fizemos as leituras uns para os outros e em seguida as disponibilizamos no espaço. Naquele momento percebi que havia desejos comuns, por vezes descritos com palavras um pouco diferentes, mas eram palavras irmãs. Talvez desejássemos que nossas palavras se conectassem, pois queríamos “encontros, trocas e escuta”.

O grupo se dividiu guiado por palavras proximais e nos reorganizamos no espaço formando dois subgrupos. Neste subgrupo em que me agrupei falamos sobre pedras como caminho, pedras como materialidade que assegura outras experiências no corpo, falamos sobre rir de nós mesmos, da meditação que mira montanhas rochosas. Também lembramos que os ossos, como as pedras, sustentam o corpo, têm peso e resistem. Também falamos do corpo-escombros que somatiza responsabilidades e se transforma com elas.

Desfeitos os dois grupos, voltamos a ser um ainda maior, com a chegada de mais integrantes, e partilhamos brevemente nossos olhares afetados. Um texto foi lido por Juliana Bom-Tempo e comentado coletivamente. Algo como: “tudo bem sentir dor, tristeza. Mas vamos criar estratégias para que

tenhamos condições de nos sustentar nesta condição”. Combinamos que no dia seguinte faríamos nosso encontro em outra parte, do lado de fora, debaixo de uma árvore, com um piquenique. Assim o fizemos.

No segundo dia do GT estávamos sentados na grama, na sombra da árvore, eu escutava os sons das máquinas e das pessoas, mas também dos pássaros e sentia o vento descabelar-me apesar do dia quente. Foram partilhados os textos elaborados em cada subgrupo no dia anterior, e aos poucos fomos os comentando, trazendo adensamentos e pontos de vistas distintos.

Nos propomos a elencar palavras-chave do nosso GT para contribuir com o encontro da Abrace do próximo ano. Também levantamos algumas possíveis ações performativas que serão realizadas em 2020. Preparar o corpo para atuar nos espaços, para dar sustento às propostas, sabendo que agir no contexto em que estamos vivendo têm recebido violência como resposta. Percebemos a necessidade de ponderar nossos objetivos das ações a fim de nos resguardarmos. Falamos sobre o medo de que a ação nos coloque na vulnerabilidade, já sentida em outras intervenções em espaços urbanos de diversas cidades. Destacamos o exercício da atenção pois também violentamos pessoas com nossas práticas, quando ocupamos lugares onde mais atrapalhamos que impactamos positivamente os corpos que têm o seu local de direito.

2. Violência e Resiliência

Desde então estive mais uma vez a pensar sobre a Violência e sua força como estratégia. Apesar de reconhecer a importância de uma resistência que acolhe, não consigo conceber vida sem violência. Proponho, nesse contexto, ruminar a palavra violência percebendo-a no que faço para potencializá-la de forma inventiva. Lembrei-me do ressentimento que é produto sensível da violência, e do quanto ele produziu historicamente grandes mobilizações de resistência. A violência já foi usada como estratégia para mudanças drásticas e necessárias, quando em “momentos de conflito que se reforçam mais claramente os medos, as hostilidades e os ódios (...), em certas circunstâncias, foi a violência dos ódios ou a potência dos medos coletivos que

tornou possível uma vitória ou inevitável um fracasso” (ANSART,2019; p.16). Ao mesmo tempo, sei bem que nas mesmas histórias estão registradas numerosas experiências em que as violências produzidas por mãos do poder provocaram mortes massivas, chacinas, ou seja, trágicas manutenções do hegemônico. Tenho aqui um paradoxo.

E embora possa ser definido que todas as noções do homem criandose a si próprio tenham em comum o rebelar-se contra a própria facticidade [*factuality*] da condição humana, nada é mais óbvio do que a afirmação de que o homem *não* deve sua existência a si mesmo, tanto como membro da espécie quanto como indivíduo. (ARENDRT, 2016.p.28)

Adriana Cavarero (2007) encontra nas obras de Hannah Arendt uma diferenciação entre *poder* e *violência* pois o poder é, inevitavelmente, relacional enquanto a violência rompe a relacionalidade pois ela enrijece a vulnerabilidade a uma condição permanente - tornando-a vulnerabilidade excessiva - pois o seu fim é a morte, de algo ou alguém. A partir das obras finais de Foucault (2009) é possível concluir que o poder constitui nossa condição mas também aponta modos de ação e as relações de poder não serão obrigatoriamente formas de dominação. Nesta compreensão sobre o poder, torna-se possível perceber a existência de interações que não são permanentes e imutáveis. Encontro brechas neste pensamento que me permitem redirecionar minhas estratégias de ação. Sobre a qualidade relacional do *poder*, assim como sua maleabilidade, os sujeitos poderão ser entendidos como agentes. Diferentemente da Violência, onde a paralisação do Outro é um fim em si. Encontro, portanto, nesta comparação duas qualidades distinguíveis: uma que contempla a agencia dos indivíduos, tornando-os responsáveis pelo exercício de continuidade das suas ações. Outra, onde o enrijecimento da condição extrema de vulnerabilidade paralisa as agencias de um sujeito.

Finalmente, alguns dias após o fechamento da Abrace, conheci o pós-doutorando e ecólogo Bernardo Flores que acabara de dar uma aula na graduação em biologia da UNICAMP sobre conceito de Resiliência. O encontro com esta abordagem deslocou meu olhar que estava concentrado na Violência, devido aos recentes estudos que venho desenvolvendo a partir das obras brevemente apresentadas. Se no GT falamos sobre modos de resistir ao

contexto em que estamos vivendo e se a Violência está impregnada de contradições, proponho a perspectiva da Resiliência.

A teoria da Resiliência é empregada em estudos que atuam em sistemas socioecológicos. É preciso, de imediato, localizar que como artista, professora e pesquisadora atuo nesta cadeia de afecções a partir de um pequeno ponto. Dito isto, solicito tolerância com a empregabilidade de termos específicos ou na própria compreensão dessa teoria. Acredito, de fato, que os estudos sobre a Resiliência podem contribuir com nosso campo de conhecimento, pois compreender que,

as incertezas e surpresas inevitáveis na dinâmica de sistemas complexos inviabilizam sua gestão para uma trajetória predeterminada; em vez de conduzir para um rumo específico, é melhor fortalecer capacidades e características do sistema que mantêm a flexibilidade para sobrevivência, aprendizagem e adaptação durante um processo dinâmico e imprevisível de mudança. (BUSCHBACHER, 2014, p.12)

Sobre modos de resistir aquilo que nos passa, proponho que sejamos resilientes, tomando as palavras desse autor, usufruindo da “flexibilidade para a sobrevivência” (IBIDEM, p. 12). Se compreendermos que nos integramos a sistemas tanto em esferas micro quanto macro e que nos afetamos, conseqüentemente, com o “estresse” gerado em pontos específicos dessa cadeia, afirmo que sendo parte de tais sistemas também podemos atuar nos mesmos. Esta decisão é, em partes, uma mudança metodológica pois afeta o processo, podendo interferir em diversos pontos do sistema por gerar um encadeamento de acontecimentos. A ação é radical pois deixa de se concentrar no resultado e acolhe a impermanência do percurso.

Sem dúvida esta contribuição de Holling, elaborada em 1973, revela que o equilíbrio em sistemas é possível “apenas em escalas limitadas de tempo e espaço e chama atenção para mudanças não lineares que também ocorrem” (IBIDEM, p. 15). Afirma que existem três principais relações entre “estresse” e um mesmo ecossistema, sendo eles

A curva “a” (...) quando muda um fator desencadeante (ou estresse), o sistema muda linearmente, proporcional a este. A curva “b” mostra como um sistema pode se manter constante perante um estresse por algum tempo até chegar a um limite (“ponto limiar”), quando o sistema muda drasticamente. Aí o comportamento é não linear e também inesperado, porque não houve sinais anteriores da aproximação deste ponto limiar. A curva “c” é mais complexa: mostra que depois de

passar do ponto limiar (...) o sistema entra em outro “regime” e, mesmo diminuindo o estresse, o sistema não volta à sua condição original (...). Neste caso (chamado histerese), o sistema pode ter dois (ou mais) estados para um mesmo nível de estresse. (IBIDEM, p.15)

Suponhamos que o sistema a que me refiro e que pretendo defender frente à barbárie neste texto envolva o ensino público, a pesquisa, a livre expressão e a produção artística, enquanto por “estresse” compreendo o governo atual e seu entendimento de gestão que está mensurada pelo uso da censura, pelo fechamento de instituições de fomento, e no desmonte das universidades públicas. Aproximando as curvas a, b e c apresentadas por Holling, proponho pensar as relações entre sistema e estresse nas artes da cena. Parafraseando o conceito supracitado, poderíamos dizer que na curva “a” o governo afetaria de modo linear e proporcionalmente nosso sistema de produção em artes. Na curva “b” o sistema se manteria constante frente aos impactos do estresse durante um tempo, até chegar ao limite onde ele se modificaria brutalmente. E na curva “c” quando o sistema chega ao limite, sofre imensas mudanças, chegando a mudar - inclusive – de regime¹, e apesar de o estresse passar, nosso sistema não voltará a ser o mesmo.

Fazer essa comparação me permite perceber a complexidade das tensões a que estamos submetidos enquanto artistas, professores e pesquisadores. E me possibilita, também a partir dessa perspectiva, produzir estratégias de ação. Para isso, Holling esquematizou um “ciclo de adaptação” que é composto por uma busca pelo equilíbrio – nos modos clássicos de pensar a sucessão de ecossistemas -, ele no entanto compreende que não existe permanência no equilíbrio do sistema, que em verdade ao acumular “vulnerabilidades e fragilidades; por muito tempo o sistema pode resistir a pequenas perturbações, mas em algum momento sofre uma perturbação que o leva a um rápido e grande colapso” (IBIDEM, p.16). Por termos produzido muitas fragilidades, basta um sutil acontecimento para nos desestabilizarmos. Talvez estejamos à beira de tal colapso, e artisticamente proponho que aproveitemos suas ressonâncias para darmos início a um novo ciclo.

¹ Para esta linha de pensamento existem distinções entre o estado do sistema e seu regime. Compreende-se que há uma mudança constante de estados em um mesmo sistema resiliente, que ocorrem no mesmo regime.

3. Os sentimentos e a coletividade

Como afirma Pierre Ansarte (2019), existe uma dimensão afetiva na vida política que produz sentimentos coletivos, que passo a perceber presentificados em nossas conversas no GT da ABRACE. Reconhecer-me inserida nas dificuldades de gestão desses sentimentos poderia lançar-me ao fracasso, mas neste momento gostaria de enfrentá-lo dedicando-me com engajamento ao que faço: arte, ensino e pesquisa.

Meu objeto é a sensibilidade, que também integra a perspectiva metodológica, processual e humana da pesquisa que realizo. Mergulhar nas efervescências emocionais pode aparentar, inicialmente, um distanciamento da sobriedade historicamente aclamada pela ciência, mas neste artigo elas serão compreendidas como dispositivos estratégicos para ultrapassar limites e “estresses”.

Segundo Ansart, Marx e Tocqueville insistem na compreensão de que,

(...) sentimentos dominantes de uma conjuntura faz entender que a afetividade coletiva não é apenas uma dimensão da vida cotidiana e um aspecto da vivência individual, mas uma dimensão da realidade histórica. Interrogando-se sobre as consequências do “fervor”, que intervém para fomentar as indignações, (...) os vínculos afetivos participam da história: não se pode concluir a análise de uma situação política sem considerar os sentimentos e as paixões em que se apoiam, permanentemente, as relações, os conflitos, os compromissos políticos. (ANSART, 2019, p.15)

Quando trato sobre afetividades coletivas e individuais, revelo linhas conformadoras de relações de poder existentes tanto no, que chamei anteriormente, “sistema” e “estresse”, quanto nas produções do pequeno grupo que se formou no GT. Neste segundo, percebo grandes potencialidades à medida que, através do encontro, tornou-se possível revermos a imagem que temos de nós mesmos. O encontro invocou um sentimento comum entre nós permitindo, portanto, a subjetivação das emoções suscitadas.

Como resultado dessa experiência produzo este artigo que articula o discurso vibrante em meu corpo, e que também se expressa em outras instancias na linguagem artística. Sinto que, conforme partilho nesta escrita, agora canto em conjunto, ou atuo em coro, o que permite a atualização de

corpo coletivo formado para antagonizar os medos e angústias partilhados em nossas rodas.

4. Reflexão Final

Em face da síntese e reflexão elaboradas até aqui, me disponho a continuar fazendo arte, lidando com as mudanças, sendo resiliente, reafirmando o que nos é próprio. Mesmo compreendendo que as mudanças possam ser violentas e catastróficas, proponho recomeçarmos o ciclo. A ideia é de nos mantermos resilientes frente tantas perturbações e incertezas “por meio de adaptação, aprendizagem e auto-organização” (BUSCHBACHER, 2014, p. 20). Neste sentido, falo sobre continuar criando muito e repetidamente, confiar na arte que fazemos, fortalecendo vínculos com grupos e artistas, abdicando da centralidade. Trata-se de uma proposta que modifica nossa percepção, e que não aceita o esquecimento de nossa historicidade afetiva, mas se propõe à continuidade, portanto, ao seu ganho em complexidades. Invoco a Resiliência enquanto técnica de persuasão que mobiliza suaves processos afetivos pois na Abrace encontramos um número imenso de artistas, professores e pesquisadores. Tornar seus espaços de encontro um território potencial de resiliência é uma vontade pela qual me comprometo, portanto, nesses tempos.

Referências

ANSART, Pierre. **A gestão das paixões políticas**. Trad. Jacy Seixas. Curitiba: PR: Ed. UFPR, 2019.

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Trad. André de Macedo Duarte. 7ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUSCHBACHER, Robert. **A teoria da Resiliência e os sistemas socioecológicos**: como se preparar para um futuro imprevisível?. Boletim regional, urbano e ambiental – IPEA - Jan. - Jun. 2014. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/boletim_regional/141211_bru_9_web_cap3.pdf. Acesso em: Out. 2019.

CAVARERO, Adriana, BUTLER, Judith. Condição humana contra “natureza”. Trad. Selvino Assmann. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 15(3): 647-662, setembro-dezembro/2007.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: o cuidado de si. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.